

Os Contos de Fadas como Método de Projeções dos Conflitos Latentes em uma Criança Institucionalizada

TINA DANIELA KAYSER*
VANESSA BECKENKAMP LOPEZ**

RESUMO - O artigo visa explorar a ocorrência de projeções de conflitos psíquicos da criança institucionalizada a partir do uso dos contos de fadas. Considerados como recurso para a psicoterapia com crianças, os contos possibilitam uma linguagem indireta entre o psicólogo e a criança. Para tanto, realizou-se um Estudo de Caso a partir da interação de uma criança institucionalizada com a narrativa de seis contos de fadas. Como resultados considera-se que a criança pode projetar conflitos e fantasias por intermédio das histórias ou até mesmo por alguns trechos delas. A ansiedade ficou evidente frente a temas como separação, ameaça do lobo e castração. Logo, ao oferecer as histórias como um recurso lúdico e terapêutico, pode-se estar colaborando com a possível elaboração de conflitos internos, ao se reviver angústias e se buscar resolvê-las no papel dos personagens. A criança fala de si e o terapeuta pode conhecê-la com maior profundidade.

PALAVRAS-CHAVE - Contos de fadas. Criança institucionalizada. Psicanálise.

Fairy tales and the projection of latent conflicts on one institutionalized child

ABSTRACT - The article aims to explore the occurrence of psychic conflict projections of an institutionalized child from the use of fairy tales. Considered as resources for children psychotherapy, stories enable an indirect language between the psychologist and the child. For that, a Case Study was conducted, based on the interaction of an institutionalized child with the narrative of six fairy tales. As result, it is considered that the child can project conflicts and fantasies through the stories or even some parts of them. The anxiety showed up evident regarded to subjects like separation, wolf threat and castration. Therefore, by offering stories as a playful and therapeutic resource, one can be collaborating with the possible elaboration of internal conflicts, when reviving anxieties and trying to solve them through the role of the characters. The child speaks of oneself and the therapist can know it in further depth.

KEYWORDS- Fairy tales. Institutionalized child. Psychoanalysis.

* Psicóloga, Especializanda em Investigação criminal e Psicologia Forense (Unyleya). Atua no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS - Rolante)

** Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (PUC-RS) (Membro Efetivo do CEPdePA, Coordenadora do Centro de Serviços em Psicologia (Cesep/Faccat).

Introdução

Os contos de fadas se fazem presentes na rotina das crianças há centenas de anos (Corso e Corso, 2006), mas quando inseridos no seu dia a dia são utilizados como um passatempo ou até mesmo como um recurso pedagógico, mais comumente. Entretanto, os contos de fadas podem ajudar as crianças, de maneira inconsciente, com seus conflitos internos, também na clínica psicanalítica (Corso e Corso 2006; Bettelheim, 2003).

A identificação e a projeção das crianças em psicoterapia psicanalítica podem ser facilitadas com o uso dos contos, pois de maneira inconsciente, elas desejam experimentar situações novas ou até mesmo entrar em contato com os seus medos, o que os contos de fadas lhe propiciam. Por meio deles elas também conseguem entrar em contato com suas fantasias de onipotência (Bronzatto e Camargo, 2012).

E como se daria o processo do uso dos contos com crianças sendo estas institucionalizadas? Pensou-se nessa demanda, pois como as outras crianças, elas também vivem os seus conflitos típicos da infância, como os das fases psicosexuais conceituadas por Freud (1905/1969), tendo cada uma delas sua complexidade. No caso da institucionalização, Albornoz (2006) e Winnicott (1930/1997) ressaltam a vivência concreta de falhas ambientais, pois sem a estrutura de um lar, ela precisa lidar com as angústias e experiências que viveu até a fase que se encontra, o que pode acarretar em processo de má simbolização ou de má elaboração.

Os contos de fadas no mundo infantil

Os clássicos contos de fadas, que vêm atravessando os séculos e encantando gerações com suas histórias tradicionais, quando criados não foram destinados ao público infantil, mas sim aos adultos. Estes contos eram um passatempo dos indivíduos, os quais se reuniam e durante este tempo ficavam escutando as histórias (Schneider e Torossian, 2009).

Na França, no século XVIII, os contos de fadas também eram um passatempo dos camponeses. Muitas vezes eles precisavam enfrentar noites muito frias, então se reuniam em volta do fogo para escutar as histórias. Estes contos traziam conteúdos árdios, violentos, vivências do homem e o mundo lá fora ou até mesmo conteúdos sexuais. O que é importante ressaltar é que mesmo que os contos de fadas fossem destinados ao público adulto, não quer dizer que as crianças não tinham acesso a eles, pois como não se tinha um diferencial das informações sobre as fases do desenvolvimento humano, elas acabavam participando das atividades de seus pais (Schneider e Torossian, 2009; Corso e Corso, 2006).

Ao se deparar com a repercussão que os contos de fadas estavam tendo, Charles Perrault em 1697, resolveu publicar sua primeira obra “O conto da mãe

gansa”. Trazia oito contos, entre eles “Chapeuzinho Vermelho”. Mas este trabalho também foi destinado ao público adulto. Mais tarde ele começa a direcionar o seu trabalho para as crianças, com o objetivo de orientá-las em sua formação (Schneider e Torossian, 2009).

Embora os contos de fadas tenham sido criados em meados do século XVII, suas histórias com conteúdos árdios, até chegarem ao século XXI sofreram algumas modificações, o que fez com que seus enredos viessem de uma maneira disfarçada para tal público.

A psicanálise nos contos de fadas

A psicanálise começou a direcionar sua abordagem no contexto da primeira infância a partir da sistematização de estudos pioneiros de Melanie Klein e Anna Freud. No Brasil, tais abordagens foram surgindo na década de 1920, exercendo influência no modo de pensar os devidos cuidados ao infante, estabelecendo assim novas práticas no âmbito da saúde e no da educação (Abrão, 2009).

Melanie Klein (1932/1981) mostrava interesse em entender como as crianças lidavam com seus medos, angústias e traumas, e conseqüentemente, queria ter acesso ao seu inconsciente. Partindo deste pressuposto, começou a pensar em uma técnica para utilizar com indivíduos que se encontravam neste período do desenvolvimento, considerando que eles não eram capazes de verbalizar como o adulto, mas sim de associações, livremente. A partir desses conhecimentos, Klein cria uma abordagem direcionada à atividade lúdica da criança, ou seja, o brincar. As fantasias que a criança projetava nas suas manifestações era a forma que esta encontrava de trazer seus conteúdos internos para o contexto analítico.

Rosa (2008) defende a mesma teoria, de que o terapeuta pode e deve utilizar as fantasias de seus pacientes crianças, pois elas auxiliam a expressar conteúdos não verbais, ou seja, suas angústias não nomináveis. A autora destaca ainda que a patologia da criança fica camuflada nos cantinhos sombrios da sua mente, produzindo assim, angústia, medo, agitação e irritabilidade. Mas que, ao brincar, estes conflitos internos encontram uma forma de se manifestar inconscientemente, vindo à realidade. O jogo para a criança é uma forma de elaborar eventos que ainda não são compreendidos, ou seja, uma maneira de expressar situações/traumas que foram vivenciados por ela.

Quando a criança brinca, proporciona para si própria um mundo de fantasias, no qual irá, por meio da brincadeira, lidar com suas experiências, adversidades, curiosidades e outros sentimentos que carrega consigo. É no seu mundo imaginário que conseguirá lidar com os seus medos em certa dosagem, que ela mesma possa saber suportar (Linn, 2010).

Segundo Melanie Klein (1932/1981), conforme a criança vai conseguindo projetar suas frustrações na sua brincadeira, com o passar do tempo esta ativi-

dade fará com que suas angústias e até mesmo sua fixação em determinado sintoma diminua. Mas para isso o psicólogo deve entrar em seu mundo imaginário e intervir no momento adequado.

Um exemplo desta técnica pode ser demonstrado no caso da paciente Ruth, de M. Klein (1981/1932). Klein fez sua intervenção quando a criança brincava repetidamente de guardar as moedas no moedeiro, os acessórios da bolsa dentro da bolsa e assim sucessivamente. Ela notou que a menina projetava certo medo e angústia para receber um irmão, e que ao guardar os objetos nos seus respectivos lugares era uma forma de manter o bebê na barriga de sua mãe (Fulgencio, 2008).

Com a contação de histórias não é diferente. Os contos de fadas, quando utilizados como uma técnica na hora do jogo, podem proporcionar a linguagem humana da criança de uma forma indireta para o psicólogo. Para isso, é preciso compreender o que de fato estas narrativas estão representando para a criança naquele determinado momento, pois de uma forma inconsciente, elas podem vivenciar, nestes cenários narrativos, suas angústias ou desejos (Alvez e Emmel, 2008).

Gutfreind (2010), ao aderir à contação de histórias para crianças institucionalizadas, destaca a importância de se proporcionar a elas as imagens conforme a história vai sendo narrada, pois elas podem apresentar dificuldades em simbolizar e projetar apenas com a narrativa. Corso e Corso (2006), enfatizam a importância e o cuidado que se deve ter quando uma criança demonstra interesse por algum determinado conto de fadas como, por exemplo, o clássico Chapeuzinho Vermelho - é preciso investigar o que de fato ela está projetando naquele determinado contexto.

Bettelheim (2008) traz a hipótese de que ao se identificar com o conto Chapeuzinho Vermelho, a criança pode estar em conflito com a fase edípica. Em seus apontamentos ele questiona: por que entre tantas cores a vermelha que é escolhida para a roupa da menina? Pois até os dias de hoje, esta cor sempre está relacionada com a sexualidade. Outro fator importante é que no enredo da narrativa, o lobo representa a figura masculina, que a menina seduz e, ao mesmo tempo, desobedece a mãe, que lhe pede para não conversar com ninguém no caminho. O que acontece no Complexo de Édipo, a menina rivaliza com a mãe e deseja o pai para ela (Bettelheim, 2008).

Gutfreind (2010), ao realizar atendimentos com um grupo de crianças institucionalizadas, apresentou a elas o clássico infantil "Os três porquinhos", e no decorrer dos encontros, pedia para que as crianças fossem encenando a narrativa. Em uma determinada sessão, ao se depararem com a parte em que os porquinhos se despediam da sua mãe, as crianças choraram de verdade e levaram um período de tempo significativo interpretando essa cena. Este fato levou o psiquiatra ao entendimento de que aqueles pequenos indivíduos ao se depararem com aquele conto, puderam projetar a sua história ali, pois quando deixados no abrigo, não vivenciaram esta passagem de se despedirem de seus pais, como aconteceu na história.

Pode-se observar que cada conto de fadas expõe um drama, mas nunca esquecendo a fantasia e o mundo imaginário. É isto que encanta a criança, ela encontra a fantasia de acordo com o seu sintoma latente, assim ela pode projetar naquela determinada história aquilo que seu ego não consegue tolerar. E assim vai ocorrendo a projeção na dosagem que o infante consegue suportar. Corso e Corso (2006) apresentam que o conteúdo que essas narrativas carregam nas suas entrelinhas são de um valor tão significativo, que muitos adultos em análise argumentam que as lições mais duras que já escutaram durante o seu desenvolvimento, estavam contidas em algum conto de fadas – e que muitos pacientes alegam que após terem este contato com os contos, nunca foram os mesmos, pois nunca haviam vivenciado uma empatia tão intensa.

Método

A fim de se buscar explorar a projeção de conteúdos psíquicos pela criança institucionalizada por intermédio da contação de contos de fadas, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo e com Estudo de Caso único como uma estratégia de estudar intensivamente um único sujeito e se aprofundar nos resultados apresentados (Ludwig, 2009).

Para a execução da pesquisa em um primeiro momento, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Taquara. Logo após foi feito o contato com uma instituição da Região Metropolitana de Porto Alegre que abrigava crianças com o perfil da pesquisa e assinado, pelos responsáveis, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. É válido ressaltar que a pesquisa foi guiada pelos preceitos éticos da resolução do Conselho Nacional de Saúde nº466/2012 (Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos), que garante autonomia, não maleficência, justiça e beneficência assegurando os direitos e deveres dos participantes.

Os dados coletados foram submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Buscou-se, desta forma, uma melhor compreensão dos aspectos psicológicos que foram mais expressivos a partir dos seguintes passos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 1977).

Para a coleta de anamnese participou um dos responsáveis pela criança na instituição. Em cada um dos três encontros com Lucas, eram contados dois Contos de Fadas, e ao término de cada um, eram oferecidas folhas A4 e lápis de cor para desenhar, se assim ele desejasse.

Será nomeado de Lucas, para a discussão do artigo, a criança participante. No momento da aplicação da pesquisa Lucas tinha 5 anos de idade e estava na instituição há quase um ano, mas esta já era a sua segunda passagem pelo local (ambas por intervenção judicial). Na primeira vez Lucas foi para a instituição, por negligência familiar. Muitas vezes, deixavam Lucas e seus irmãos sozinhos durante o dia e as condições de higiene eram precárias. Na segunda vez, os

motivos alegados implicavam o uso de bebida alcoólica pelo pai e recorrentes brigas do casal frente às crianças.

O casal tinha seis filhos, três meninas e três meninos. Lucas, entre os meninos, era o segundo mais novo, e todos eles se encontravam na instituição. Quando eles chegaram, todos sofreram e choraram muito nos primeiros dias. Segundo o coordenador, eles são muito unidos entre si.

Lucas frequentava a escola de educação infantil a qual lhe agradava. Mas um comportamento que chamava a atenção na instituição, era sua resistência ao receber pedidos feitos por suas educadoras, diferente da reação quando a ordem vinha de um educador. Lucas sempre alegava que já era grande e que não dormia mais no quarto com os bebês, embora ainda chupasse bico.

Utilizou-se como instrumento para este artigo tradicionais contos de fadas, como “Chapeuzinho Vermelho”, “O patinho feio”, “Os três porquinhos”, “João e o pé de feijão”, “Cinderela” e “Rapunzel”. Pensou-se nestes contos por cada um suscitar, de acordo com Corso e Corso (2006) e Bethelheim (2003), predominantemente um conflito específico no sujeito. Como o conto do “O patinho feio”, que em seu enredo aborda questões sobre a inserção em um novo lar, “Chapeuzinho Vermelho” com os conflitos da fase de Electra e os litígios de abuso sexual. “Os três porquinhos” que também de maneira inconsciente aborda sobre a separação entre os filhos e seus cuidadores, bem como o princípio do prazer versus o princípio da realidade, “João e o pé de feijão”, que relata a construção da identidade e os conflitos Edípicos. “Rapunzel” com a questão da simbiose materna e os desafios da paternidade, e “Cinderela” com a rivalidade fraterna e os diferentes papéis atribuídos à figura feminina.

RESULTADOS

Formas de apego de Lucas¹

Já no primeiro encontro, Lucas se mostrou muito à vontade na sala com a pesquisadora, mas vale ressaltar que esse “à vontade”, chamou a atenção desta, pois diante de uma situação nova e com uma pessoa desconhecida, ele se mostrava familiar e questionador da vida íntima da pesquisadora.

Demonstrava uma necessidade de explorar sobre a vida pessoal da pesquisadora, talvez averiguando como as pessoas constituem suas famílias ou até se a mesma poderia vir a lhe oferecer uma família, também. Como nas falas a seguir: *“Tu não tem marido? Ele é só namorado?”*, *“mas se tu não tem filhos, de quem tu é mãe?”*, *“o teu bebê ainda tá na barriga?”*.

Segundo Bowlby (1984/1998), o que Lucas demonstrou durante os encontros pode ser denominado de apego inseguro. Isso pode vir a ocorrer em casos de crianças que foram privadas, ou, por algum motivo, não vivenciaram a fase em que desenvolvem um apego seguro de forma saudável e tranquila com seus pais.

¹ Nome e dados alterados conforme os preceitos éticos.

Este comportamento faz com que a criança busque em vários momentos e em diferentes indivíduos, algo ou alguém que possa vir a acolhê-la. Diferente do apego seguro, que é um vínculo que se estabelece com pessoas muito próximas à criança, ou seja, uma figura de apoio.

Este processo ocorre nos primeiros anos de vida do bebê por meio de olhares, da fala, troca de afetos e sorrisos. Portanto, é extremamente importante que os pais possam vir a proporcionar estes cuidados para o seu bebê, sempre respondendo às suas manifestações, como o balbuciar, o choro e a troca de olhares (Bowlby, 1984/1998).

Pode-se perceber em Lucas, por exemplo, quando na leitura do conto da Chapeuzinho Vermelho, logo na primeira página estava a personagem bem ao centro e com a floresta e algumas casas ao fundo, o que chamou a atenção do menino: “*aqui é a casa da vovó?*”. Em meio a vários estímulos visuais, uma casa prendeu a sua atenção, o que nos levou a pensar sobre o porquê aquela casa, especificamente lhe chamou a atenção. Assim como no conto de João e o pé de feijão, ao terminar a história, a primeira coisa que Lucas argumenta é: “*O gigante mora muito longe?*”.

Se ligarmos a atitude de Lucas ao se deparar com a atenção da pesquisadora para com ele, logo passar a questioná-la sobre sua casa, pensamos que ele pode estar em um movimento de buscar entender como funciona o acolhimento, a casa que o acolhe, indicando sua vulnerabilidade e necessidade de um lar que dê conta dele.

Segundo Nascimento e Coelho (2006), este comportamento que Lucas vem apresentando pode ser uma espécie de luto. Por ter sido separado de suas figuras de apoio (mãe e pai), um vínculo foi rompido em seu desenvolvimento, o que pode acarretar em comportamentos de angústia, insegurança e, de maneira inconsciente, também, de buscar pessoas ou lugares para vincular e sentir-se acolhido e seguro novamente.

A ansiedade nas projeções de Lucas

Por frequentar a escola de educação infantil, Lucas já teve acesso a alguns contos de fadas. Nos encontros com a pesquisadora, ele teve acesso a seis histórias diferentes, e entre essas, houve aquelas pelas quais ele demonstrou um maior interesse. Algumas histórias ou até mesmo trechos, tocaram mais em seus conflitos internos, o que proporcionou a Lucas projetar conteúdos inconscientes próximos de suas angústias ou fantasias.

Na história “Os Três porquinhos”, logo na primeira página que consta o relato da despedida entre os porquinhos e sua mãe, ele interrompeu por três vezes a pesquisadora perguntando se já havia acabado para ele poder virar a página. Angustiado com o conteúdo apresentado naquele trecho da história (despedida dos filhos de sua mãe), percebe-se que Lucas muda o foco para os números que

estão na página, como mais uma tentativa de mudar o assunto. É pertinente ressaltarmos aqui a possível projeção que o menino faz da sua história com o trecho, a ansiedade em querer trocar de página e a tentativa de mudar o foco da conversa, podem aparecer como mecanismo de defesa para não precisar falar sobre separação, já que, apesar de ter apenas cinco anos de idade, já vivenciou pelo menos por duas vezes a situação de afastamento e separação concreta de sua mãe ao ser encaminhado para o abrigo.

No decorrer da história a sua ansiedade continua intensa, pois Lucas demonstra querer chegar logo ao final, mas quando se depara com o contexto em que os três porquinhos estavam juntos na mesma casa, e o lobo do lado de fora batendo na porta, querendo entrar, ele interrompe a pesquisadora antes mesmo de ela contar o que se passava naquela página, “*O lobo está procurando eles, né? Ele está ali na porta!*” concluiu Lucas.

Já estávamos quase no término da história, e esse foi o segundo momento que o conto chama a atenção de Lucas a ponto de ele não pedir para trocar a página ou desviar do assunto. O que nos leva a pensar sobre o que, neste momento, teria relação com sua história de vida ou com as fantasias inconscientes por ele gerado: “*E se o lobo conseguisse pegar os porquinhos?*”, questiona. Esse trecho pode ter despertado fantasias de ataque e de perigo a si e aos seus irmãos. Pode-se pensar que são trechos da história que refletem a questão da separação da família e a coragem que os irmãos precisaram ter para juntos lidar, de alguma forma, com estas dificuldades. Mas vale refletir se houve possibilidade de se pensar no que ocorreu, por que e de que maneira? Que espaço Lucas teria tido ou tem para lidar com tais rupturas concretas em sua vida?

Na história de “Rapunzel”, assim como na história “Os Três porquinhos”, foi possível notar esta ansiedade. São duas histórias diferentes, mas que abordam a separação da figura materna (Corso e Corso, 2006). Vale referir que, ao se deparar com o contexto da história, o qual relata a ansiedade frente a separação da figura materna, em Rapunzel, não tentando virar mais a página da história, Lucas saiu correndo. Pode-se pensar esta fuga concreta (o sair correndo) como uma defesa psíquica para não lidar com a dor da separação, pois naquele momento coincidia com a proximidade da separação de Lucas da pesquisadora, pois ele sabia que se encerrariam as atividades após a narrativa da Rapunzel. Logo, ao se retirar dessa maneira da sala, antes mesmo de a pesquisadora se despedir, ele novamente evita se deparar com a separação.

Toda vez que a criança escuta uma história ou até mesmo lê, os conteúdos destes contos de fadas vão ficando em suas memórias, e a cada história um novo recurso se fará presente na criança. Pode-se dizer que seu psiquismo é como uma maleta; a cada história uma ferramenta é acrescentada. Ao surgir uma situação, quanto mais ferramentas a criança tiver, mais recursos ela terá para elaborar este conflito (Corso e Corso, 2006).

Outro aspecto importante vale ser categorizado na análise do material de Lucas, pela sua alta ocorrência quando a pesquisadora chegou ao final da his-

tória dos Três porquinhos. A pesquisadora conta: “o lobo caiu dentro daquele caldeirão com água fervendo, ficou todo queimado prometendo nunca mais voltar!” Lucas então completa a história: “*Aí ele chorou né? Mas agora eles são todos amigos*”.

Ao retomarmos a anamnese do menino em que se verificam situações de estresse e de sua retirada do lar nuclear, sendo posto em um “Lar” desconhecido, mas que aos poucos ele se sente acolhido e cuidado (como na fala sobre o Lar ele diz “*Aqui tem comida muito boa!*”), podemos pensar em uma situação traumática, posta no lobo, quando na casa é jogado na água fervendo, fazendo-o fugir e não querer mais voltar, e em sofrimento, pelo choro, mas a situação segue com a reparação e a amizade então constituída. O bem e o mal se unem finalmente.

Embora a instituição não seja a sua casa propriamente dita, o menino sente-se acolhido por ela e pelos funcionários, vendo no dia a dia que eles se importam com ele, reforçando a fala dele na história: “*Mas agora eles são todos amigos*”. Klein (1932/1981) postula que quando a criança consegue integrar uma imagem boa e má em um mesmo objeto ela está sendo capaz de integrar a imagem deste objeto - denotando uma evolução em seu desenvolvimento psíquico (da posição esquizoparanóide para a posição depressiva).

Crianças como o Lucas, que se encontram em lares que oferecem situações precárias, ou que já vivenciaram isso no decorrer de suas vidas, ficam de maneira mais fácil expostas a situações de vulnerabilidade. Isso ocorre, porque os indivíduos que enfrentam estas situações, muitas vezes não conseguem terem suas necessidades básicas supridas, podem não terem acesso a uma boa educação e à segurança digna (Cecconello e Koller, 2000).

Segundo Cecconello e Koller (2000), a grande maioria desses indivíduos que vivenciam essas situações de estresse, estão mais propensos a desenvolverem problemas de conduta e distúrbios emocionais. Contudo, algumas crianças que presenciaram essas situações, conseguem lidar com esses fatos buscando um outro ideal e desenvolvendo outras competências diante dos fatos. Esses pequenos indivíduos são chamados de resilientes.

Podemos dizer que Lucas é uma dessas crianças, pois em quatro das histórias apresentadas ele manifestou seu desejo de que as coisas fossem diferentes. Na história da “Chapeuzinho Vermelho” e “Os três porquinhos”, ele argumentou no final que o nome do lobo seria “*o lobo mau do bem*”. No patinho feio, ele começou a chamar o personagem de “*o patinho feio bonito*”. Em “Rapunzel”, na página que a bruxa ia subir na torre, ele interrompe a pesquisadora para dizer, “*Agora vem o caçador!*” (ao se deparar com a imagem do príncipe atrás da árvore).

Outro aspecto relevante para se analisar, no que tange à questão da capacidade para resiliência no material de Lucas, foi quando o coordenador e uma das professoras de Lucas, relataram que ele, quase todos os dias, olhava um dos filmes do Shrek. Para Corso e Corso (2006), esse personagem chamou a atenção do seu público por apresentar algo que ninguém esperava, pois por se tratar de

um ogro, certamente que o papel de vilão caberia a ele, o que foi um equívoco. Esse conto contemporâneo transmitiu a ideia de que embora sua história seja marcada por fatos ruins (como no terceiro filme da série que Shrek retrata as crueldades que seu pai fazia a ele), não quer dizer que não se possa escrever uma nova história, pois gordinhos feios, como seria o caso do personagem, também podem ter finais felizes, refere Corso e Corso (2006). No caso de Lucas, sua autoestima e autoimagem podem estar prejudicadas, identificando-se com Shrek, mas encontrando nele, da mesma forma, a força para vencer.

Versões das Histórias Clássicas e Versões Contemporâneas

Vale destacar, neste momento, que durante a contação da história confirmou-se que realmente Lucas já havia escutado todas as histórias em outro momento, na versão clássica, que nomeamos aqui como uma versão mais árdua e crua. Entretanto, a pesquisadora optou por apresentar a versão atual das histórias, por serem as de acesso mais fácil e mais disponíveis no mercado.

Na primeira ocasião, Lucas demonstrou mais interesse na versão clássica do que por aquela versão contemporânea apresentada pela pesquisadora. Explicando melhor, como já mencionamos anteriormente, as primeiras versões dos contos de fadas, são mais áruas, com conteúdos violentos e por muitas vezes, elas não apresentam um final feliz ou uma solução para tudo (Corso e Corso, 2006). Lucas, por muitas vezes interrompia a fala da pesquisadora sobre alguns desfechos como “o lobo colocou a vovó no armário” para contextualizar em “*O lobo comeu a vovó*”, ou quando a pesquisadora conta que o caçador “espantou” o lobo, Lucas corrige para “*Aí veio o caçador e matou o lobo!*”, surpreendendo a pesquisadora por mostrar detalhes de como o lobo foi esfaqueado do pescoço para a barriga. Ou seja, retoma a contação para versões mais clássicas.

Durante o desenhar (atividade oferecida ao final da contação), Lucas também trouxe outros trechos das primeiras versões clássicas, “*o lobo come os porquinhos e a vovó também. Ele a engole para dentro da barriga, porque ele tem os dentes bem afiados para comer ela.*”

Podemos considerar que este movimento de recontar a história sem precisar poupar palavras e atos mais cruéis (matar ao invés de esconder no armário, por exemplo), aponta também para a condição concreta de Lucas, quando ele também não vive um “conto de fadas romanceado em sua infância”. Sua história de vida não deixa de ser crua e primitiva, com abandonos e agressões físicas e verbais reais. Por muitas vezes Lucas presenciou seu pai resolvendo seus conflitos com agressões físicas e verbais com sua mãe, seus irmãos ou com ele mesmo. Podemos ter a ousadia de supor que, nestas circunstâncias, a lógica mental para Lucas se torna: ou bater ou apanhar, ou você come ou é devorado.

No primeiro encontro, enquanto Lucas ia desenhando, ia relatando as duas histórias que ele havia acabado de ouvir (Os três porquinhos e Chapeuzinho

Vermelho), e junto com elas a primeira versão da Chapeuzinho Vermelho, mas quando se aproximava do final do desenho ele relatou: “*Vou desenhar a Chapeuzinho do lado do lobo*”, “e o que os dois estão fazendo Lucas?”, pergunta a pesquisadora, “*ele tá contando um segredo para ela, porque ele quer colocar ela dentro do armário*”. Com esse diálogo podemos considerar, que, ao se deparar com o cuidado da pesquisadora e com outra versão das histórias, ou seja, outras possibilidades de desfecho que não os mais agressivos e irremediáveis (como morrer, ser comido), Lucas ensaia uma forma de desfecho menos cruel, com menos sangue, e com possibilidade de desejo (o lobo quer, não simplesmente atua devorando) em forma de cochicho, como uma forma precária de ensaiar o verbalizar, o que pode indicar para Lucas que as situações que ocorrem no dia a dia podem apresentar soluções diferentes, que não há apenas uma possibilidade.

Ansiedade de castração

Enquanto Lucas desenhava ele trouxe para o papel a imagem de um outro personagem que não foi apresentado para ele durante os encontros, que foi o Saci Pererê. “*Vou desenhar o saci do lado do lobo, eles são amigos. Vou fazer ele só com uma perna, ele é muito teimoso e ninguém consegue pegar ele*”, relata Lucas. Segundo Bronzatto e Camargo (2012), quando um indivíduo cobre-se com uma máscara deixa transparecer sua personalidade, pois ao escolher uma figura dramática, de maneira inconsciente, não são as vestes que o agradam, mas sim as suas características marcantes.

Vale ressaltar que o personagem do Saci faz parte do nosso folclore, a respeito do qual já escutamos muitas histórias. O negrinho, de cachimbo na boca, com vestes vermelhas, pulando em uma perna só. Segundo Corso e Corso (2010), esse personagem vem a simbolizar a castração. Os meninos temem perder esse diferencial, o pênis. Lucas tem cinco anos, o que nos faz retomar alguns pontos importantes do desenvolvimento psicosssexual, para Freud (1905/1996), pois ele ainda pode estar vivendo o complexo de Édipo, no qual o menino deseja a sua mãe e quer ocupar o lugar do pai, porém tem medo da castração.

É pertinente supormos também que esse foi um dos motivos que fez com que Lucas saísse correndo quando acabou de ouvir a história de Rapunzel. Segundo Corso e Corso (2006), as tranças, são a marca principal desse conto de fadas. De uma maneira inconsciente, a menina sente prazer em exibi-las, é o seu diferencial. E a bruxa sabe muito bem disso, tanto que quando ela se sente traída, o seu ataque é direcionado para as tranças da garota, ou seja, castra-a.

Voltando à questão do Saci, ele também é conhecido como um “menino” levado, pois nunca sabemos o que esperar dele. Com muita facilidade ele surge do nada pronto para “aprontar das suas”, mas quando a situação não lhe agrada ou ele sente-se ameaçado, some em um redemoinho de vento (Corso e Corso,

2006). Como Lucas fez no último encontro, é importante pensarmos aqui, que no momento que a história de Rapunzel foi demasiada para ele, agiu como o saci, fugindo rapidamente daquilo que era excessivo para o seu ego e que também poderia estar carregado de sentimentos de culpa.

Outro ponto importante que nos leva a pensar novamente na história de vida de Lucas, e retomar novamente esta discussão, é que ele já foi retirado do seu lar duas vezes. O que faz transparecer para ele, de uma maneira inconsciente, que nem a sua casa nem a instituição dão conta dele, projetando assim, seus traços para o personagem “ninguém consegue pegar ele”, relatou Lucas enquanto desenhava o Saci.

Vale, então, destacar que os contos clássicos ou nas versões contemporâneas, seja oferecido pelo cuidador ou trazido pela criança para falar dele, tratam da busca de uma história que se possa nomear, simbolizar, projetar ou se identificar, encontrando neste recurso uma ponte de acesso ao inconsciente para que o adulto possa trabalhar, conter e acolher as angústias despertadas, seja pelas fantasia própria da criança, seja por ações do meio que reafirmam ou intensificam os medos de desamparo e castração.

Considerações Finais

Com essa pesquisa pode-se verificar que os contos de fadas não proporcionam para os seus leitores a felicidade em um mundo de utopia, mas eles podem ajudar. Poder oferecer para as crianças institucionalizadas um bom acervo dessas narrativas possibilita que elas vejam que as situações difíceis podem vir a acontecer, assim como as soluções, ou até mesmo ver que existe um lado positivo para elas.

Como no caso de Lucas, constatou-se que os contos de fadas mobilizaram seus conflitos internos e suas fantasias. O conto, de uma maneira inconsciente, fez com que o menino entrasse em contato com a ansiedade nas questões de separação, com o seu medo da castração, além de proporcionar, para a pesquisa, a informação da sua capacidade de resiliência.

Como foi relatado acima, não foi a primeira vez que Lucas escutara aqueles contos de fadas, e também não sabemos quantas vezes ele já escutou e vai escutá-los. O que de fato é relevante é que ele demonstrou interesse em ouvi-los novamente e mais uma vez veio a mexer com seus conflitos internos. Freud (1914/1996), referia essa situação como positiva, que era preciso relembrar e repetir para buscar elaborar.

Constatou-se, assim, a relevância do fato de crianças institucionalizadas poderem ter acesso aos contos de fadas, pois indiferente das versões mais árduas ou romaneadas, os conteúdos que elas oferecem trazem tramas mascaradas e de maneira indireta, situações do cotidiano passíveis de elaboração que favorecem um desenvolvimento psíquico mais saudável. Desta forma valoriza-se um

espaço possível para escuta, identificação e projeção das angústias da castração e de aniquilação das crianças.

Referências

- Abrão, J, L, F. (2009). As origens da psicanálise de crianças no Brasil: Entre a educação e a medicina. *Revista Psicologia em Estudo*, 14, 3,p. 423-432.
- Albornoz, A. C. G. (2006). *Psicoterapia com crianças e adolescentes institucionalizados*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alves, C. H.; Emmel, G. L. M. (2008). Abordagem bioecológica e narrativas orais: Um estudo com crianças vitimizadas. *Revista Paidéia*, 18, 39,p. 85-100.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70: Lisboa.
- Barros, C. S. G. (1995). *Pontos de Psicologia do desenvolvimento*. 9. Ed. São Paulo: Editora Ática.
- Bettelheim, B. (2003). *A psicanálise nos contos de fadas*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- Bettelheim, B. (2008). *Na terra das fadas: Análise das personagens femininas*. Ed. Paz e Terra.
- Bowlby, J. (1998). *Apego e perda: Separação e raiva*. São Paulo: Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1984).
- Bronzatto, M.; Camargo, R. L. (2012). Considerações sobre as transformações da Bruxa na literatura infantil contemporânea e as implicações para o psiquismo infantil: Uma abordagem psicanalítica baseada no trabalho de Glória Radino. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, 3, 1. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Mauricio.pdf>.
- Cavalcante, L. I. C.; Magalhães, C. M. C.; Pontes, F. A. R. (2007). Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Canoas: Aletheia*, n.25, p.20-34, jan./jun. 2007.
- Cecconello, A. M.; Koller, S. H (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Revista Estudos de psicologia*,p. 71-93.
- Corso, D. L.; Corso M. (2006). *Fadas no Divã Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, T. (2010). *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1996). *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. Obras Completas, v. 7. Rio de Janeiro: Imago (trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). *Recordar, repetir, elaborar*. Obras Completas, v. 14. Rio de Janeiro: Imago (trabalho original publicado em 1914).
- Fulgencio, L. (2008). O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42, 1, p.124-136.
- Gutfreind, C. (2010). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios.
- Klein, M. (1981). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou. (trabalho original publicado em 1932).

- Laplanche, J. e Pontalis (2001). Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.
- Linn, S. (2010). *Em defesa do faz-de-conta*. Rio de Janeiro: Best Seller.
- Ludwig, A. C. W. (2009). Fundamentos e prática de metodologia científica. Rio de Janeiro: Vozes.
- Nascimento, C. C.; Coelho, M. R. M. (2006). Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6, 2, p. 426 - 449.
- Rosa, D. B. (2008). A narrativa da experiência adotiva- fantasias que envolvem a adoção. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 20, 1,p. 97-110.
- Scherer, E. A.; Scherer, Z. A. P. (2000). A criança maltratada: Uma revisão da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem - Ribeirão Preto*, 8, 4, p. 22-29.
- Schneider, R. E. F.; Torossian, S. D. (2009). Contos de fadas: de sua origem à clinica contemporânea. *Revista Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 15, 2, p.132-148.
- Winnicott, D. W. (1997). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Editora Artmed (trabalho original publicado em 1930).
- Zimerman, D. E. (2012). *Etimologia de termos psicanalíticos*. Porto Alegre: Editora Artemed.